

□ Tempo de leitura: 7 min.

Este ano marca o 25º aniversário da passagem para a eternidade do Servo de Deus P. Andrej Majcen. Como professor em Radna, ele entrou para as fileiras dos salesianos por amor aos jovens. Uma vida de doação.

A primeira coisa é que **o P. André amava muito os jovens**: por eles consagrou sua vida a Deus como salesiano, sacerdote, missionário. Ser salesiano não significa apenas dar a vida a Deus: significa dar a vida pelos jovens. Portanto, sem os jovens, o P. André Majcen não teria sido um salesiano, um sacerdote, um missionário: pelos jovens, ele fez escolhas exigentes, aceitando condições de pobreza, dificuldades, preocupações para que “seus meninos” encontrassem um teto sobre suas cabeças, um prato para encher seus estômagos e uma luz para guiá-los através da existência.

A primeira mensagem, portanto, é que o Padre Majcen ama os jovens e intercede por eles!

A segunda é que **André era um jovem capaz de ouvir**. Nascido em 1904, ainda criança durante a Primeira Guerra Mundial, doente e pobre, marcado pela morte de um irmão mais novo, André guardava em seu coração grandes desejos e, acima de tudo, muitas perguntas: estava aberto à vida e queria entender por que ela merecia ser vivida. Ele nunca desconsiderou as perguntas e sempre se empenhou em buscar respostas, mesmo em ambientes diferentes do seu, sem fechamentos ou preconceitos. Ao mesmo tempo, André era dócil: prestava atenção ao que a mãe, o pai, os educadores lhe diziam e perguntavam... André confiava que os outros poderiam ter algumas respostas para suas perguntas e que, nas sugestões deles, não havia o desejo de substituí-lo, mas de apontar uma direção que ele seguiria em sua própria liberdade e com seus próprios pés.

Seu pai, por exemplo, o aconselhou a ser sempre bom com todos e que ele nunca se arrependeria disso. Ele trabalhava no tribunal, lidava com casos de sucessões, com muitas coisas difíceis em que as pessoas frequentemente brigam e até mesmo os laços mais sagrados são ofendidos. Com seu pai, André aprendeu a ser bom, a trazer paz, a reconciliar tensões, a não julgar, a estar no mundo (com suas tensões e contradições) como uma pessoa justa. André ouvia e confiava em seu pai.

Sua mãe era uma grande mulher de oração (André a considerava uma religiosa no mundo e confidenciou que não havia alcançado a devoção dela nem mesmo como religioso). Em sua adolescência, quando ele poderia ter perdido o contato com

ideias e ideologias, ela pedia que ele fosse à igreja por alguns momentos todos os dias. Nada em particular, nem muito longo: *“Quando você for para a escola, não se esqueça de entrar na igreja franciscana por um momento. Você pode entrar por uma porta e sair pela outra; faça o sinal da cruz com água benta, faça uma breve oração e entregue-se a Maria”*. André obedeceu à sua mãe e todos os dias vinha cumprimentar Maria na igreja, embora – “lá fora” – muitos companheiros e debates animados o aguardassem. André ouvia e confiava em sua mãe, e descobriu que ali estavam as raízes de muitas coisas, havia um vínculo com Maria que o acompanharia para sempre. São essas pequenas gotas que cavam grandes profundidades em nós, quase sem percebermos!

Um professor o convidou para ir à biblioteca e lá lhe deram um livro com os *Aforismos* de Tomás Garrigue Masaryk: político, homem de governo, hoje diríamos um “leigo”. André leu esse livro e isso foi decisivo para seu crescimento. Ali ele descobriu o que significava um certo grau de trabalho sobre si mesmo, formação de caráter e comprometimento. André ouviu os conselhos e ouviu Masaryk, não se deixando influenciar demais por seu “currículo”, mas vendo o lado bom mesmo em alguém que estava longe da maneira católica de pensar de sua própria família. Ele descobriu que existem valores humanos universais e que há uma dimensão de comprometimento e seriedade que é um “terreno comum” para todos.

Professor junto aos Salesianos, em Radna, o jovem Majcen finalmente ouviu aqueles que – de diferentes maneiras – lhe deram a ideia de uma **possível consagração**. Havia muitas razões pelas quais André poderia ter desistido: o investimento da família em sua formação; o emprego que ele havia encontrado apenas alguns meses antes; ter que deixar tudo e se expor a uma incerteza total, se fracassasse... Naquele momento, ele era um jovem olhando para o futuro, que não havia considerado aquela proposta. Ao mesmo tempo, estava procurando algo mais e diferente e, como homem e como professor, percebeu que os salesianos não apenas ensinavam, mas orientavam para Jesus, Mestre da Vida. A pedagogia de Dom Bosco era para ele a “peça” que lhe faltava. André ouviu a proposta vocacional, enfrentou uma dura luta durante a oração, de joelhos, e decidiu solicitar a admissão ao noviciado: não deixou passar muito tempo, mas pensou seriamente, rezou e disse sim. Ele não perdeu a oportunidade, não deixou o momento passar...: ele ouviu, confiou e decidiu, consentindo e sabendo tão pouco a respeito do que iria encontrar pela frente.

Muitas vezes, todos nós acreditamos que nos vemos bem em nossa própria vida, que temos as chaves para ela, seu segredo: às vezes, porém, são exatamente os outros que nos convidam a reorientar o olhar, os ouvidos e o coração, mostrando-nos caminhos para os quais nunca teríamos ido sozinhos. Se essas

peessoas são boas e querem o nosso bem, é importante obedecer-lhes: aí está o segredo da felicidade. O P. Majcen confiou, não desperdiçou anos, não desperdiçou a vida... Ele disse sim. Decidir-se a tempo também foi o grande segredo recomendado por Dom Bosco.

A terceira coisa é que **André Majcen se permitiu ser surpreendido**. Ele sempre acolheu surpresas, propostas e mudanças: o encontro com os salesianos, por exemplo; depois, o encontro com um missionário que o fez arder com o desejo de poder se dedicar aos outros em uma terra distante. Ele também recebeu algumas surpresas não tão boas: vai para a China e lá está o comunismo; eles o expulsam, ele entra no Vietnã do Norte e o comunismo também faz estragos lá; eles o expulsam, ele segue para o sul, depois chega ao Vietnã do Sul; mas o comunismo também chega a essa área e eles o expulsam novamente (parece um filme de ação, com uma longa perseguição com sirenes tocando!) Ele volta para casa, para sua amada Eslovênia, e, nesse meio tempo, o regime comunista se estabelece lá e há perseguição à Igreja. O que é isso? Uma piada? André não reclamou! Viveu por décadas em países em guerra ou em situações de risco, com perseguição, emergências, luto... Dormiu por mais de vinte anos enquanto do lado de fora da janela, ali, estavam atirando... Em outros momentos, chorava... No entanto – mesmo tendo cargos de responsabilidade e tantas vidas para salvar – estava quase sempre sereno, com um belo sorriso, muita alegria e amor no coração. Como ele fazia isso?

Ele não colocava seu coração em eventos externos, em coisas, naquilo que não se pode controlar ou... em seus próprios planos (“tem que ser assim porque eu decidi”: quando “não é assim”, entra-se em crise). Ele havia colocado seu coração em Deus, na Congregação e em seus queridos jovens. Então ele estava realmente livre, o mundo poderia cair, mas as raízes estavam seguras. As raízes estavam nos *relacionamentos*, em uma boa maneira de *se dedicar aos outros*; o alicerce estava em *algo que não passa*.

Muitas vezes, tudo o que precisamos é que mexam em uma pequena coisa e ficamos com raiva porque não está de acordo com nossas necessidades, desejos, planos ou expectativas. André Majcen me diz, nos diz: “seja livre!”, “confie seu coração àqueles que não o roubarão nem o danificarão”, “construa sobre algo que permanecerá para sempre!”, “então você será feliz mesmo que lhe tirem tudo e você sempre terá o TUDO”.

A quarta coisa é que **o P. André Majcen fazia bem o exame de consciência**. Todos os dias ele se examinava para ver o que tinha feito de bom, de

ruim ou de péssimo. Quando tinha a oportunidade (ou seja, quando não havia mais bombas perto de sua casa ou vietcongues a uma curta distância etc.), ele pegava um caderno, escrevia perguntas, refletia sobre a Palavra de Deus, verificava se a tinha colocado em prática... Ele se questionava.

Hoje vivemos em uma sociedade que dá grande importância à exterioridade: ela também é uma dádiva (por exemplo, cuidar de si mesmo, vestir-se adequadamente, apresentar-se bem), mas não é tudo. Temos que cavar dentro de nós mesmos, ir fundo – talvez com a ajuda de alguém.

André sempre teve a coragem de olhar para si mesmo, olhar para seu próprio coração e consciência e pedir perdão. Ao fazer isso, ele encontrou alguns aspectos não muito bonitos de si mesmo, nos quais devia trabalhar e confiar: mas também viu muita coisa boa, beleza, pureza, amor que, de outra forma, teria permanecido “desconhecido”.

Muitas vezes, é preciso mais coragem para viajar dentro de nós mesmos do que para ir ao outro lado do mundo! O P. André Majcen enfrentou essas duas jornadas: da Eslovênia, ele chegou ao Extremo Oriente, mas o itinerário mais exigente sempre permaneceu – até o fim – dentro de seu próprio coração.

Santo Agostinho, um jovem que buscou a verdade de muitas maneiras antes de encontrá-la na pessoa de Jesus, dentro de si mesmo, diz: *“Noli foras ire, redi in te ipsum, in interiore homini habitat veritas”* (“Não queira ir para fora, volte para dentro de si mesmo, a verdade habita na interioridade do homem”).

E assim concluo com um pequeno exercício de latim: uma língua muito querida ao nosso André e ligada ao seu discernimento vocacional. Mas isso seria realmente..., pelo menos por enquanto, outra história!